



Festa para Biblioteca e Núcleo de Memória

Guardiãs da história da PUC comemoram 50 e 10 anos

Este ano, duas importantes unidades que preservam e cuidam da história da Universidade fazem aniversário. Com mais de 174 mil títulos no acervo, a Biblioteca Central da PUC-Rio completa 50 anos,

enquanto o Núcleo de Memória comemora 10 anos de criação. O embrião da Biblioteca surgiu na década de 1940, na Rua São Clemente, e, em 1965, ela passou a ocupar o 3º andar da Ala Frings.

Desde 2005, o Núcleo de Memória tem, entre os objetivos, manter a memória como uma das formas de construção de uma identidade abrangente e plural da Universidade. **PÁGINA 3 E 5**

Outro olhar sobre a Cidade Maravilhosa

Imagens preciosas e raras do Rio de Janeiro podem ser vistas em um documentário que homenageia os 450 anos da cidade. Como em um álbum de fotografias, *O Rio Por Eles: O Rio de Janeiro que os brasileiros nunca viram na tela*, do professor Ernesto Rodrigues, do Departamento de Comunicação, é uma memória de parte da vida da ex-capital federal. **PÁGINA 11**

MATHEUS SALGADO



Professora Maria Clara Bingemer profere Aula Magna em que tratou da presença de Deus nos dias de hoje

Professora toma posse como titular

A Vice-Decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH), professora Maria Clara Bingemer, tornou-se titular do Departamento de Teologia da PUC-Rio, em cerimônia no dia 20 de outubro. Na ocasião, ela ministrou a Aula Magna A Busca de Deus na Contemporaneidade, em que falou sobre a presença de Deus na atualidade. **PÁGINA 4**

Recipientes feitos com mandioca

Preocupada com o meio ambiente, empresa transforma a fécula de mandioca em embalagens compostáveis que, após serem utilizadas, viram adubo orgânico. Os produtos, como copos, pratos e bandejas, são o resultado de pesquisa de mestrado de ex-aluno em Metrologia da PUC-Rio, que levou cinco anos para desenvolver o projeto. **PÁGINA 10**

Aluno é campeão em futebol motorizado

Estudante do 6º período de Comunicação Social da PUC-Rio Bernardo Borges, de 20 anos, faz parte do primeiro time de futebol motorizado do Brasil e recebeu o título de melhor

jogador, no esporte, das Américas. O aluno relata a expectativa da equipe para disputar, pela primeira vez, o Mundial de Power Soccer, nos Estados Unidos, em 2016. **PÁGINA 8**

DIVULGAÇÃO



Bernardo Borges exhibe o troféu conquistado em competição no Uruguai

Livro com homilias é lançado

O presidente da Mantenedora da PUC-Rio, padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J., lançou a revisão do livro *Homilias: Subsídios para pregação, leitura e oração*, no dia 21 de outubro. A obra reúne diversos sermões proferidos pelo sacerdote nos últimos anos, durante as missas dominicais que ele celebra na Universidade. **PÁGINA 7**



WEILER FILHO

O sacerdote autografou exemplares do livro no salão da Pastoral

Dedicação ao ciclismo rende prêmios

PÁGINA 6

REITOR

Nesta edição, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., aborda os apelos socioambientais do Papa Francisco durante a visita aos Estados Unidos e os discursos que o pontífice proferiu no Congresso americano na sede da Organização das Nações Unidas (ONU). **PÁGINA 2**

REITOR

Lições para pensar e mudar

Na perspectiva socioambiental, podemos dizer que a visita do Papa Francisco aos Estados Unidos foi marcada por muitos apelos diante de contextos políticos que exercem um grande poder mundial de lideranças e mudanças. A coragem em explicitar suas ideias e convicções, simpáticas para alguns e mais difíceis de ser aceitas por outros, nos mostra o poder de liderança do Pontífice, que sabe aceitar as diferenças, com uma enorme capacidade de apontar novos horizontes.

No discurso ao Congresso dos Estados Unidos, o Papa enfatizou alguns princípios explicitados na Encíclica Laudato Si', exortando os políticos a assumirem os esforços corajosos e responsáveis para mudar de rumo, e evitar os efeitos mais sérios da degradação ambiental causada pela atividade humana. Enaltecendo o importante papel que desempenha o Congresso dos Estados Unidos, o Pontífice afirmou que agora é o momento de empreender ações corajosas e estratégicas para implantar uma cultura do cuidado e uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e cuidar da natureza.

Já no discurso na ONU, além de comentar outros assuntos relacionados com a paz, a justiça social, a mediação de

conflitos, o desenvolvimento das nações, a construção jurídica internacional, entre outros, o Papa Francisco aborda, numa visão sistêmica entre o social e o ambiental, alguns princípios inspiradores relacionados com o meio ambiente. O primeiro ponto diz respeito ao "direito do ambiente", uma vez que o ser humano é parte e vive em comunhão com ele, lembrando que o próprio ambiente comporta limites éticos que a ação humana deve reconhecer e respeitar. Assim, qualquer dano ao meio ambiente é um dano à humanidade. A crise ecológica, associada com a destruição de grande parte da biodiversidade, pode por em perigo a própria existência da espécie humana. O segundo ponto se refere ao valor intrínseco e à interdependência, pois, segundo ele, "cada criatura, especialmente os seres vivos, possui em si mesma um valor de existência, de vida, de beleza e de interdependência com outras criaturas". Esta afirmação reforça aquilo que hoje está sendo discutido nos conteúdos da ética ambiental. Nesta relação entre o social e o ambiental, o Pontífice volta a afirmar que "o abuso e a destruição do meio ambiente aparecem associados, simultaneamente, como um processo ininterrupto de exclusão. A exclusão eco-

nômica e social é uma negação total da fraternidade humana e um atentado gravíssimo aos direitos humanos e ao ambiente". Na oportunidade, volta a enfatizar o que está escrito na Laudato Si' sobre a cultura do descarte que afeta os mais pobres, que são obrigados a viver de desperdícios, e sofrem injustamente as consequências do abuso do ambiente. Por isso, a defesa do ambiente e a luta contra a exclusão exige o reconhecimento de uma lei moral e o respeito absoluto da vida em todas as suas fases e dimensões.

Finalmente, ao falar sobre a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável, o Papa manifestou a esperança que a Conferência de Paris (COP 21) sobre as alterações climáticas possa alcançar acordos fundamentais e efetivos. Lembrando que isto também se reporta ao Laudato Si', onde ele do mesmo modo que reconhece alguns avanços, critica por outro lado a falta de decisão política nos acordos ambientais globais, carentes de eficácia e realizações práticas. Que estas lições deixadas pelo Papa Francisco possam nos ajudar a pensar e a mudar aquilo que está na contramão de nossa história.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Tecnologias no ensino: com qual conteúdo?

A Microsoft lançou recentemente um site que ensina a usar o Minecraft – um dos jogos eletrônicos mais populares do mundo – com finalidade educacional. Ao fazer isso, vai ao encontro de duas tendências das novas formas de aprender: a gamificação (didática que usa desafios, competições e ambientes lúdicos para resolver problemas) e a incorporação de recursos digitais ao ensino.

Isso não significa que o livro didático será substituído, mas a partir de agora esse recurso deve se relacionar com

objetos digitais, como vídeos, exercícios interativos e estudos de caso multimídia, viabilizando ao aluno uma experiência de aprendizagem com percursos flexíveis, ainda que bem estruturados.

A questão não é qual tecnologia, mas que conteúdo se coloca dentro dela. O caso do Minecraft pode ser uma tentativa interessante, mas em algum momento, o aluno terá que acessar e estudar conteúdos mais complexos.

Não há dúvida de que mesclar o estudo por livros impressos com objetos digi-

tais, conforme os percursos e ritmos de aprendizagem de seus alunos, é o caminho mais indicado para que escolas e universidades brasileiras melhorem o padrão de desempenho dos estudantes. Mas, para dar certo, em cada área do conhecimento, há que garantir conteúdo de qualidade também nos aplicativos eletrônicos. É preciso ter cuidado com certas adaptações, improvisos e produções caseiras sem grande valor didático.

■ ANDREA RAMAL
PRESIDENTE DA AAA-PUC-RIO

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

A PUC-Rio e os 450 anos da cidade

A cidade e um construtor de futuros

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO/ACERVO NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO



Entre a batina e os projetos: padre Velloso, S.J., em visita às obras do campus da Gávea (1954)

São muitas as novidades no tecido urbano do Rio de Janeiro nesse ano em que a cidade comemora 450 anos. Uma delas surpreende ao entrelaçar-se com a memória da PUC-Rio.

No caminho à beira-mar ao longo do Morro de São Bento antes reservado à Marinha Brasileira, quem poderia adivinhar que é possível descobrir novos ângulos da paisagem e, neles, a mão de um engenheiro que viria a ser Reitor da PUC-Rio?

Essa história começa em meados dos anos 1920, quando um engenheiro de nome Pedro foi convidado para a equipe contratada para a modernização do Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras, tarefa complexa que, a cada etapa, lançava novos desafios.

A equipe era formada por homens experientes, como o Almirante Julio Regis Bittencourt, diretor da obra e do Arsenal e o alemão Hubert Behrendt, encarregado do pessoal técnico. Dela faziam parte também jovens promissores, tais como João Cordeiro da Graça, futuro catedrático da Universidade do

Brasil; Maurício Joppert da Silva, que viria a ser Ministro da Viação e Obras Públicas; e Pedro Belisário Velloso Rebello, que abandonaria a profissão de engenheiro para construir o futuro em outras frentes de trabalho.

Concluída a obra do Arsenal, o engenheiro Pedro decidiu ser padre e jesuíta e, como Padre Velloso S.J., liderou a obra do campus da Gávea nos anos 1950 e, em duas ocasiões, foi Reitor da PUC-Rio; empenhou-se na formação de lideranças para o mundo do trabalho e exerceu por décadas o sacerdócio na capelinha do Morro de Santa Marta, em Botafogo, onde é lembrado por gerações como padre e como amigo.

Na obra que ajudou a construir na Ilha das Cobras, na história e na memória da PUC-Rio, no capítulo ainda pouco estudado da Escola de Líderes Operários e no Morro de Santa Marta esse construtor de futuros soube inscrever seus sonhos na vida da cidade e dos cidadãos.

■ MARGARIDA DE SOUZA NEVES E MIGUEL ALEXANDRE DA COSTA AZALDEGUI

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. Coordenadora-Adjunta: Profª. Julia Cruz. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. **JORNAL DA PUC** - Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora e Chefe de Reportagem: Profª. Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e Diagramação: Profª. Mariana Eiras. **Fotografia**: Prof. Weiler Finamore Filho. **Ilustração**: Prof. Diogo Maduell. **Conselho Editorial**: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Cesar Romero, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. **Anúncios produzidos pela Agência.Com**. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. **Telefone**: 3527-1140. **E-mail**: impresso.comunicar@puc-rio.br. **Impressão**: gráfica Folha Dirigida.

Comemoração: Com conteúdo híbrido, de acervo em formato impresso e digital, Biblioteca Central celebra 50 anos

Uma cinquentenária com muitos segredos

EDUARDO MANHÃES

Ela pertence ao passado, ao presente e ao futuro. Entende muito de tudo. Misteriosa, só é desvendada com o domínio de códigos. Preocupa-se com a narrativa, o público e a informação. Sempre crescente, tem mais de 174 mil títulos de livros no acervo. Assim foram traçados os 50 anos da Biblioteca Central da PUC-Rio, que em 2015 completa meio século de história.

Sem “era uma vez”, a história da Biblioteca nasceu quase ao mesmo tempo que a da Universidade, na década de 1940, na Rua São Clemente, em Botafogo, com o embrião do que ela é hoje. Em 1955, o campus da Gávea se tornou a sede permanente da Universidade, inaugurado com o Edifício Cardeal Leme. No Edifício da Amizade, em 1965, foi construída a Ala Frings, em homenagem ao povo alemão pela ajuda financeira para a obra. Ano em que a Biblioteca Central passou a ocupar o 3º andar da Ala Frings, onde funciona até hoje.

Como um baú de tesouros, a Biblioteca Central guarda cerca de 5 mil obras raras. O título mais antigo do patrimônio é de Francis Bacon, filósofo e ensaísta britânico, com *Pensees Philosophiques et Morales* (Pensamentos Políticos e Morais), elaborado entre os anos 1500. A icônica obra, *El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, é parte do acervo e de acordo com a supervisora da seção de processamento técnico, Patrícia Lima, trata-se da primeira impressão.

O processo de informatização da Biblioteca Central começou no fim da década de 1990. Em 1997, ela colocou no ar a primeira edição do sistema com o catálogo on-line. Também foi criado um sistema de atendimento virtual para localizar os conteúdos que não estivessem disponíveis na Biblioteca, fruto de uma parceria com outras universidades, inclusive de fora do

São mais de 174 mil títulos de livros e cinco mil obras raras



WEILER FILHO



BRUNO PAVÃO

Na foto maior, ambiente da Biblioteca Central disputado por alunos até de outras instituições

Dolores Perez, diretora da Divisão de Biblioteca e Documentação, fala dos serviços prestados

Brasil. Com a virada do milênio, a Biblioteca passou a ter um duplo formato de conteúdo, o impresso e o digital. Desde 2002, as dissertações e teses começaram a ser digitalizadas e, hoje, formam um acervo com mais de 16 mil trabalhos acadêmicos.

De acordo com o último levantamento da Divisão de Biblio-

teca e Documentação (DBD), de 2014, na plataforma eletrônica há 199 mil títulos de livros e 37 mil títulos de periódicos. Além disso, são 36.349 usuários e realiza 202.664 consultas e empréstimos. O acesso ao site chega a mais de 614 mil por ano e o total de atendimentos on-line é de 3.973.

Segundo a diretora da DBD, Dolores Perez, a informatização dos serviços começou na década de 1980. O sistema oferece serviços on-line que facilitam a relação com o usuário, que pode obter o conteúdo que deseja sem sair de casa.

– Já no século XXI, a Biblioteca passou a lidar com o conteúdo híbrido, de formato impresso e digital, o que foi um grande avanço. Fomos a primeira universidade a oferecer o acesso remoto ao conteúdo eletrônico fora do campus da PUC, que está disponível até hoje 24 horas por dia.

Além da comunidade PUC,

a unidade recebe usuários de outras instituições. Segundo Dolores, 10% dos visitantes são pessoas que não são da Universidade, que escolhem o local para estudo e pesquisa.

– A Biblioteca não é só um espaço para leitura e estudo. Também oferecemos treinamentos para uso das fontes de informação e para o desenvolvimento de competências informacionais que ajudam os nossos usuários na atividade acadêmica.

A Biblioteca Central reúne 60% do acervo do Sistema de Bibliotecas, entre livros, monografias, periódicos e documentos especiais. A outra parte está dividida entre quatro bibliotecas setoriais: Centros de Ciências Sociais e Teologia e Ciências Humanas, Centro Técnico Científico, do Centro de Estudos em Telecomunicações (CETUC) – Biblioteca Professor Luiz Carlos Bahiana – e de Informática.

Carreira: Com mais de 200 trabalhos publicados, a teóloga Maria Clara Bingemer toma posse como professora titular

MATHEUS SALGADO



Durante a exposição em cerimônia de posse, Maria Clara abordou o tema A Busca de Deus na Contemporaneidade e analisou como a modernidade causou impacto na religião

Trajetória de dedicação à academia é premiada

Aula Magna de professora do Departamento de Teologia marca cerimônia

GIULIA SALETTTO

A Vice-Decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH), professora Maria Clara Bingemer, tomou posse como professora titular do Departamento de Teologia da PUC-Rio, em cerimônia realizada no dia 20 de outubro, no Auditório Amex. Na ocasião, ela ministrou a Aula Magna sobre o tema A Busca de Deus na Contemporaneidade, em que tratou da presença de Deus no contexto histórico atual. Maria Clara é a primeira mulher a receber a nomeação no Departamento.

A professora analisou como a modernidade causou impacto na religião e na teologia, principalmente na mudança da percepção de Deus. Ela argumentou que, em tempos modernos, há uma insatisfação com a reli-

gião institucional e uma busca por uma experiência pessoal do divino. Além disso, Maria Clara observou como a espiritualidade se tornou superior a uma religião, ou seja, um indivíduo não tem mais a necessidade de acreditar em um Deus específico, e prefere se conectar com alguma força maior que lhe convenha. Em meio a crises modernas, a professora destacou essas razões como principais para um declínio da religião tradicional e institucional.

Visivelmente emocionada, a professora lembrou ainda a trajetória na Universidade e agradeceu a nomeação.

– Desde 1968, sou aluna da PUC-Rio, me formei primeiro em Comunicação e, depois, em Teologia. Aqui eu já me sinto em casa. É uma emoção chegar a esse momento. Estou nervosa

como se fosse ainda minha primeira aula – disse.

A cerimônia foi presidida pelo Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., que homenageou a professora e exaltou

“
Já me sinto em casa. É uma emoção esse momento
”

Maria Clara Bingemer

as realizações acadêmicas dela na Universidade.

– É uma alegria dar esse título à professora Maria Clara, e sua presença enriquece essa

instituição – comentou o Reitor.

Professora da PUC-Rio desde 1982, Maria Clara Bingemer é formada em Comunicação Social pela PUC-Rio, tem mestrado em Teologia pela mesma instituição e fez doutorado em Teologia Sistemática na Pontifícia Universidade Gregoriana. Durante dez anos, dirigiu o Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio. Também ocupou o cargo de Decana do CTCH por seis anos.

Entre os fatos marcantes da vida da professora estão a ida ao Vaticano, em 2012, para participar do lançamento do livro *A infância de Jesus*, o último da trilogia escrita pelo Cardeal Joseph Ratzinger, o Papa Emérito Bento XVI. Ela integrou a mesa durante a apresentação da obra, ao lado presidente do Pontifício Conselho para a Cultura, Car-

deal Gianfranco Ravasi, e do porta-voz oficial do Vaticano, padre Federico Lombardi. Na visita à sede da Igreja Católica, Maria Clara ainda foi recebida pelo pontífice.

Com mais de 200 trabalhos publicados, presença em dezenas de seminários, autora e organizadora de dezena de livros, como *A argila e o espírito* e *Simone Weil – ação e contemplação*, a acadêmica é hoje um grande nome dos estudos teológicos. Em 2006, ganhou o prêmio Mulheres pela Paz, pela Rádio Catedral do Rio de Janeiro, e em 2011, o título de Formadora Ecumênica do Brasil pela Faculdade Batista do Sul. Atualmente, os estudos e pesquisas abordam o pensamento e escritos de místicos contemporâneos e sobre a interface entre Teologia e Literatura.

CAIO SARTORI

Celebração: Núcleo de Memória completa dez anos de pesquisa e conservação de arquivos

Com o intuito de criar uma identidade a partir da história da Universidade, o Núcleo de Memória foi idealizado, em 2005, pela Vice-Reitoria Acadêmica. O projeto, que passou a funcionar efetivamente no ano seguinte, comemora o décimo aniversário em 2015 com novas ideias e o desenho de um site mais moderno, que pretende promover uma maior interação entre professores, alunos, ex-alunos e funcionários.

A Coordenadora Acadêmica do núcleo, professora Margarida de Souza Neves, comenta que o novo site é mais bonito e proporciona uma agilidade maior para os usuários. A partir de uma ferramenta de banco de dados e uma área de colaboração, o núcleo espera que ele seja um canal vivo de comunicação para a comunidade PUC. Outra novidade de aniversário, que emociona Margarida, é a publicação de um memorial do professor Luiz Fernando Gomes Soares, do Departamento de Informática, que morreu em setembro deste ano.

– Vamos publicar com algumas fotografias dele. É uma homenagem a tudo que ele representa para a Universidade e para cada um de nós.

Há, também, a intenção de projetar alguns filmes do antigo acervo da TV Tupi, que hoje pertencem ao professor do Departamento de Comunicação Social Silvio Tendler, cuja temática é a PUC. O núcleo também espera dar continuidade às pesquisas de iniciação científica e aos memoriais dos professores titulares, para transformá-los em uma coleção. Outra iniciativa que deve ser mantida é a parceria com o Projeto Comunicar, com a publicação de uma crônica a cada edição do Jornal da PUC. No passado, foi lançada a coletânea *Crônicas de Memória*, com os textos publicados até então pelo jornal.

Quando o núcleo foi criado, vários programas da pós-graduação chegavam aos 40 anos de existência, e, paralelamente, havia uma grande renovação dos quadros docentes. O núcleo foi concebido a fim de abranger a memória da pós-graduação, mas, aos poucos, os criadores perceberam que aquilo não deveria ser tão restrito, como explica Margarida.

– Não tinha o menor sentido, na PUC, onde graduação e pós são unidos, fazer da pós e não fazer da Universidade. Então, no ano seguinte, ao perceber-

Para preservar a memória da PUC

Entre os projetos, está a criação de um site mais moderno



WEILER FILHO

A Coordenadora Acadêmica, Margarida de Souza Neves, conta que um dos objetivos é formar pesquisadores



LUCY PINA

Uma das várias reuniões de equipe do núcleo realizadas semanalmente

mos isso, o núcleo passou a ser de toda a Universidade.

Um dos principais objetivos do núcleo é formar pesquisadores em iniciação científica. Atualmente, cinco bolsistas, que são alunos da graduação de diversos cursos, desenvolvem pesquisas individuais com o material do acervo, composto por documentos que são tanto institucionais quanto pessoais – de ex-alunos,

professores e funcionários.

Além das pesquisas relacionadas à graduação, o núcleo presta atendimentos frequentes a pesquisadores de pós-graduação, de dentro e de fora da Universidade. A coordenadora de pesquisa do projeto, Sílvia Ilg Byington, aponta, ainda, para outra tendência presente em diferentes tipos de instituição: a preservação da memória.

– É uma gama variada de pesquisas que podemos desenvolver. Também prestamos consultoria para outras instituições, como empresas, formarem seu centro de memória. Isso tem sido recorrente em instituições, criar um núcleo de memória e organizá-lo.

Segundo Margarida, a importância do projeto é que a memória seja sempre uma das formas de construção de uma identidade abrangente e plural, de modo que o Núcleo forneça elementos para a construção de projetos coerentes com essa identidade e essa memória. Sobre as principais conquistas ao longo dos dez anos, a professora destaca o reconhecimento por parte da Universidade.

– Acho que a primeira conquista foi um presente da vida, que é o fato de a Universidade valorizar muito essas iniciativas que nós fizemos nesses 10 anos. Nós nos sentimos muito queridos, muito apoiados.

Para o Vice-Reitor Acadêmico, José Ricardo Bergmann, a criação do Núcleo de Memória foi importante para valorizar a história da PUC e integrar mais ainda a instituição com a comunidade.

– A criação do Núcleo de Memória da PUC-Rio foi fundamental não apenas para o resgate e a organização da história e da memória da instituição e de seus integrantes, mas também para seu contínuo registro, através dos anuários, e, sobretudo, por fazer com que a comunidade e a sociedade conheçam e valorizem os feitos e as personalidades ligados à Universidade em seus mais de 70 anos.

Figura certa em quase todos os encontros que ocorrem pelo campus, o fotógrafo Antônio Albuquerque, colaborador do Núcleo de Memória, tem uma longa história dentro da PUC. Dos anos recentes, como integrante do núcleo, ele destaca como um momento especial a visita do Papa Francisco ao Rio. A trajetória de Antônio na Universidade, porém, começou há 43 anos, em 1972. E foram os registros que fez da vida do campus que o levaram a integrar o Núcleo de Memória.

– Eu fotografava formaturas e alguns eventos, que naquela época eram em negativos e ficaram sem classificação. A professora Margarida me propôs colaborar com o núcleo para identificar essas fotos e, aos poucos, me integrei ao núcleo.

Sílvia, por sua vez, destaca o ano de 2010 como um momento marcante. Na ocasião, a PUC completou 70 anos e o Núcleo foi responsável por uma série de celebrações. O campus foi ocupado com instalações e banners com palavras que remetiam à história da Universidade. Houve, ainda, o lançamento de um livro (*PUC-Rio 70*) e uma grande exposição no Solar Grandjean de Montigny, ao longo do segundo semestre daquele ano.

Música: Intérprete foi um dos mais populares da Época de Ouro, nos anos de 1930, no Brasil, com músicas como 'Carinhoso'

A arte de encantar multidões pelo rádio

Cantor Orlando Silva completaria 100 anos em outubro

RAYANDERSON GUERRA

Negro, manco e com roupas surradas. O suburbano Orlando Garcia da Silva era o típico antiartista, no entanto, a beleza da voz e o fraseado singular nas interpretações fizeram do jovem de Engenho de Dentro o Cantor das Multidões. "O riso, a fé, a dor", o verso da música Rosa retrata a trajetória de sucesso e decadência pessoal, e profissional, do cantor. Em outubro de 2015, Orlando Silva completaria 100 anos, mas complicações de um acidente cardiovascular, em 1978, pôs fim à história de sucesso do artista que revolucionou a música popular brasileira nos Anos de Ouro do Rádio.

Filho de Dona Balbina e José Celestino, Orlando começou a cantar nas rádios cariocas, aos 17 anos, motivado pelo irmão Edmundo Silva. O sucesso chegou cedo ao menino do subúrbio, mas não sem dificuldades. Orlando trabalhou como entregador de marmitas,

operário, sapateiro e estafeta da Western, office boy. Aos 16 anos, sofreu um acidente de bonde: ao pular, uma das rodas passou sobre o pé esquerdo.

Em 23 de junho de 1934, aos 18 anos, o cantor estreou na Rádio Cajuti (Tijuca ao contrário), no Rio de Janeiro. Depois de testes malsucedidos, em outras rádios, o jovem procurou a Cajuti para se apresentar aos diretores. O primeiro contato foi com o compositor Alberto de Castro Simões da Silva, o Bororó.

Orlando conheceu Francisco Alves por intermédio de Bororó e, depois de uma breve conversa dentro de um carro na Avenida Chile, no Centro do Rio, o Rei da Voz apadrinhou o garoto na Cajuti. Foi o início do sucesso. Segundo o jornalista Jonas Vieira, escritor do livro *Orlando Silva, o cantor das multidões*, de 1985, havia uma competição saudável por público entre os cantores da época, mas a relação era respeitosa.

– Chico (Francisco Alves) ficou impressionado com a voz de Orlando e o convidou para cantar em um programa que iria estreiar no dia 23 de junho, na Rádio Cajuti. A relação entre os dois foi excelente, afinal, o Chico deu a chance de estreiar

“
A rádio foi
essencial para
o sucesso de
Orlando
”

Rose Esquenazi

no rádio ao Orlando, mas logo ele se tornaria mais popular que o padrinho. A concorrência pelo público era natural. Os cantores da época eram: Francisco Alves, Silvio Caldas, Carlos Galhardo e o Orlando Silva, esses eram os quatro grandes.

Isso gerava uma concorrência, porque as grandes emissoras de rádio no Rio que disputavam a audiência eram a Rádio Nacional, a Mayrink Veiga e a Tupi.

Em 12 de setembro de 1936 era inaugurada, no Rio de Janeiro, a Rádio Nacional. A consagração de Orlando foi instantânea. O já não tão garoto do Engenho estreou na Nacional e se tornou conhecido pelo grande público. O estopim: a música Lábios que Beije de J. Cascata e Leonel Azevedo, em 1936. No ano seguinte, 1937, Orlando gravaria seus maiores sucessos: *Rosa e Carinhoso*, de Pixinguinha. Para a jornalista e professora Rose Esquenazi, do Departamento de Comunicação Social da Universidade, para que um artista fizesse sucesso no Brasil ele deveria se apresentar nas rádios – veículo de comunicação de massa da época. Com Orlando não foi diferente.

– A rádio foi essencial para o sucesso de Orlando. O veículo era o grande divulgador da

música popular brasileira. Orlando também gravou vários discos, e participou de alguns filmes. A Revista do Rádio também influenciou nesse culto ao rádio. Não há dúvidas de que o público tinha bom gosto e as pessoas que escalavam Orlando nas emissoras sabiam da importância de ter ele no ar. Os biógrafos dizem que ele tinha um timbre cristalino e soberbo, tanto que logo ele superou Francisco Alves.

A primeira apresentação fora do estado fluminense ocorreu na inauguração da Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte, mas a viagem que o consagrou foi entre janeiro e fevereiro de 1938 a São Paulo. A excursão paulistana rendeu-lhe o slogan de O Cantor das Multidões. Segundo o pesquisador de MPB Ricardo Cravo Albin, a carreira artística de Orlando Silva pode ser dividida em duas etapas: uma de crescimento e a outra de declínio.

– Na primeira etapa Orlando se destacava pela magia da voz. A magia não se explica, mas o fraseado, a espontaneidade, a naturalidade da emissão e a contenção absoluta, de agudos e graves, formam um contexto de unidade superior. Na segunda fase, ele teve problemas com tóxico, cocaína, retirou-se da vida artística, entrou em decadência, teve um amor extremamente trágico com a radioatriz Zezé Fonseca, que se suicidou. Orlando só voltaria a cantar nos anos 1950.

Esportes: Gerente de Orçamentos e Projetos conquista nova medalha

Um exemplo de perseverança

Antonio Ferreira de Oliveira foi campeão cinco vezes no Estadual

LUIZ FELIPE MARINHO

Aos 60 anos de idade, 20 dedicados ao ciclismo e ao mountain bike, Antonio Ferreira de Oliveira, gerente de Orçamentos e Projetos da Superintendência Administrativa, participou da premiação dos campeões da Copa Rio de Ciclismo, realizada no Hotel Transamérica, no dia 25 de outubro. A lista de desafios deste ano ainda não acabou. Ele participará de mais três competições em novembro: o Eco Montain, dia 15, em Paulo de Frontin; o Estadual de Mountain Bike, dia 20; e a Copa Light, no Aterro do Flamengo, que será nos dias 21 e 22.

Na Copa Rio de Ciclismo, Antonio pedalou cerca de 100 quilômetros em cada uma das cinco etapas da competição, e destaca que elas foram “duríssimas”, por se tratar de ciclismo de estrada, em regiões de muitas subidas, como Angra dos Reis e Volta Redonda. Patrocinado pela Universidade há 11 anos, ele ficou em terceiro lugar da categoria Veterano.

– Pedalo há 20 anos, sou atleta desde os 15. Comecei aos 40 anos, para fortalecer o joelho, pois tive problemas em modalidades anteriores. Comecei a competir após cinco anos treinando. Para o joelho, não há nada melhor, só o fortalece.

Entre os títulos que acumula, o ciclista conquistou cinco vezes o título de campeão do Ranking Estadual, uma vez da Copa Minas e, na última semana de outubro, disputou a última etapa do Agulhas Negras MPB, na qual terminou em primeiro lugar na categoria Over 60 (60 anos ou mais).

O ciclista treina todos os dias para os próximos desafios, e se mostra preparado. Para ele, o que mais o desgasta são as viagens que precisa fazer para chegar aos locais de competição.

– A alimentação e disciplina necessárias são muito rígidas. É treino, alimentação e descanso.



Antonio Ferreira de Oliveira (D) comemora nova vitória em Copa Rio

DIVULGAÇÃO

Pesquisa: Professor lança livro que recupera a história da atuação de religiosos da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro

Projeto de educação secular

Jesuítas desempenharam papel importante na luta contra invasores

ALINE RÍPOLI

Lançado a partir de uma parceria entre a Editora PUC-Rio e o Colégio Santo Inácio, o livro *Os jesuítas e o Rio de Janeiro* recupera parte da história da Companhia de Jesus. O autor Cesar Tovar, pesquisador e professor de ambas instituições, foi convidado pelo Reitor dos colégios Santo Inácio, no Rio de Janeiro, e Anchieta, em Nova Friburgo, padre Luiz Antônio de Araújo Monnerat, para fazer uma pesquisa sobre a presença dos jesuítas no estado.

Tovar iniciou o estudo sobre a ordem em 2012, a convite da própria Companhia, para a elaboração de um livro sobre o centenário da Igreja do Colégio Santo Inácio, em Botafogo. Durante todo o ano de 2014, o professor levantou dados para a produção deste novo livro.

– Tive como ponto de partida um conjunto prévio de conhecimento construído por pesquisadores que, antes de



Tovar (à esquerda), o Vice-Reitor Acadêmico, Augusto Sampaio, e o diretor do Tecgraf, Marcelo Gattass

mim, se empenharam na coleta, organização, interpretação e divulgação de dados.

A obra revela que foi detectado pela missão a proliferação, entre os nativos, do calvinismo, movimento reli-

gioso protestante considerado, na época, herege pela ordem. Mas o professor explica que o temor dos missionários surgiu antes mesmo da chegada dos colonos calvinistas, em 1557. Segundo Tovar, há

registros da ação missionária dos jesuítas na região do Rio de Janeiro, antes da presença francesa. Provavelmente, na Ilha de Paranapuã, atual Ilha do Governador, onde viviam os índios temiminós.

– Em 1554, os jesuítas fundaram um colégio junto às aldeias de Piratininga. A fixação dos franceses na Baía de Guanabara, a partir de 1555, colocava em risco o projeto catequético dos jesuítas e a soberania portuguesa na região, pois isolava o núcleo colonizador estabelecido ao sul, onde hoje é o Estado de São Paulo.

Tovar ressalta ainda a importância educacional trazida pelos missionários da Companhia de Jesus.

– A história dos jesuítas dos tempos coloniais teve como um dos principais alicerces o propósito educativo desenvolvido nos vários colégios que mantiveram. Sua expulsão, em 1759, criou uma lacuna na história da educação do Brasil. O retorno ao país no século XIX contribuiu para a retomada desse propósito. No caso do Rio de Janeiro, isso se evidencia pela excelência acadêmica dos colégios Santo Inácio e Anchieta e da PUC-Rio.

Homilias: Livro reúne vários sermões realizados em missas dominicais

Subsídio para meditar e orar

A obra revisada do sacerdote e professor é lançada na PUC

GIULIA SALETTO

Nos mais de 40 anos de sacerdócio, padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J., sempre gostou de anotar as homilias que profere nas missas em que celebra. Por sugestão de amigos e fiéis, elaborou um livro de coletâneas com os sermões. No dia 21 de outubro, padre Pedro lançou uma revisão do livro *Homilias: Subsídios para pregação, leitura e oração*. O religioso autografou exemplares no salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, na qual ele celebra missa todo domingo desde a inauguração do local, em 2003.

Desde 1997, padre Pedro começou também a gravar em áudio as homilias das missas proferidas por ele e passou a colocá-las na internet. Por isso, até hoje guarda um volume grande

delas e, segundo ele, as gravações e anotações se tornaram a base do livro e, sem elas, muita coisa teria ficado esquecida.

– Para escrever o livro, levei mais ou menos um ano, foi mais rápido do que esperado. Como eu tinha as gravações, ficou mais fácil de escrever, eu me ouvia e redigia aquilo no computador – comenta.

De acordo com o autor, *Homilias: Subsídios para pregação, leitura e oração* é uma coletânea tanto para quem prega a palavra de Deus como também para aqueles que se interessam em ler, rezar e meditar. A primeira edição saiu em 2011, e para a revisão foram realizadas pequenas modificações em alguns trechos.

– Depois que o primeiro livro saiu, eu lia o que tinha escrito a cada domingo de missa, e sempre percebia um

ponto que poderia ser modificado. Aumentava alguma coisa, substituía outra ou simplesmente apagava. E assim fui modificando o texto – explica.

Padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J., é presidente da Mantenedora da PUC-Rio e da Fundação Padre Leonel Franca. Começou a lecionar na Universidade na década de 1970 e, desde 2006 é Professor Emérito do Departamento de Engenharia Elétrica. É também membro titular da Academia Nacional de Engenharia e da Academia Brasileira de Educação.

O livro, de 653 páginas, é uma publicação da Editora PUC e da Editora Reflexão. A obra pode ser encontrada em várias livrarias, inclusive na Livraria Carga Nobre, no Edifício Cardeal Leme. O preço é R\$ 139,90.



Padre Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, S.J., autografa exemplar

Superação: Aluno integra equipe brasileira, bicampeã de Power Soccer, que disputará campeonato mundial em 2016

Melhor das Américas no futebol motorizado

Estudante de Comunicação é destaque em modalidade paradesportiva

TÂMARA CARVALHO

O futebol motorizado conquistou a América do Sul com Bernardo Borges, de 20 anos, aluno do 6º período de Comunicação Social. Ele faz parte do primeiro time de Power Soccer do Brasil e recebeu o título de melhor jogador das Américas. Além de ser bicampeã brasileira, a equipe também ganhou, em junho, no Uruguai, a 1ª Copa Powerchair Libertadores. E o time já está escalado para disputar, pela primeira vez, o Mundial de Power Soccer, nos Estados Unidos, em 2016.

O futebol de cadeira de rodas é uma modalidade paradesportiva praticado por pessoas com tetraplegia e distrofia muscular. Ela existe no Brasil desde 2011, mesmo ano da criação da Associação Brasileira de Futebol em Cadeira de Rodas (ABFC), reconhecida pela Federação Internacional de Futebol Motorizado (FIPFA) como primeiro membro sul-americano a desenvolver a modalidade.

no a desenvolver a modalidade.

O esporte chegou ao Brasil por iniciativa do Instituto Novo Ser, no Rio de Janeiro, que, em 2010, reuniu um grupo para conhecer o Power Soccer e aprender as técnicas para desenvolvê-lo.

Bernardo treina desde outubro de 2011, quando a modalidade começou a ser praticada no país. A experiência com o jogo aumentou a autoestima e ajudou a superar os obstáculos impostos pela deficiência.

– Jogar é a realização de um sonho. Depois que fui para a cadeira de rodas pensei que não tinha mais chance nos esportes. Achei que iria só estudar e trabalhar. No esporte, tenho a oportunidade de conviver com pessoas que têm a mesma deficiência que eu, e isso me possibilita ver que não estou sozinho, que não sou o único. Me ajudou a superar os obstáculos e melhorar a qualidade de vida, inclusive na minha relação familiar, pois meus pais estão sempre ao



Bernardo Borges treina desde 2011 e diz ter encontrado no esporte a oportunidade para superar desafios

meu lado, me apoiando.

Para ele, o esporte não é muito conhecido por ainda não ser paraolímpico, o que dificulta a obtenção de patrocínio.

– O conhecimento do esporte cresceu, especialmente com

a ajuda das redes sociais. Em 2024, tentaremos pela terceira vez incluí-lo na Olimpíada.

O Power Soccer tem o mesmo objetivo que o futebol: fazer gols. Já as regras variam, pois o jogo é composto por dois tem-

pos de 20 minutos, com 10 minutos de intervalo, e é permitida a participação dos treinadores. Ele é praticado em uma quadra de basquete e cada equipe tem quatro jogadores, três na linha e um no gol.

Tecnologia: Alunos de Engenharia participam de competição e ganham visita ao MIT Media Lab, em Massachusetts (EUA)

Projeto com holograma vence Hackathon Globo

Durante maratona, estudantes desenvolveram o HoloGlobo, capaz de capturar e reproduzir imagens 3D

LUIZ FELIPE MARINHO

Dois estudantes da PUC-Rio fazem parte da equipe vencedora do Hackathon Globo 2015. Destinado a desenvolvedores de software e a engenheiros que querem inovar no mundo da tecnologia, a competição foi realizada nos dias 5 e 6 de setembro. Guilherme Berger, de 21 anos, aluno do 8º período de Engenharia de Computação, e Danielle Cohen, de 20 anos, que cursa o 6º período Engenharia de Produção, participaram no desenvolvimento do HoloGlobo, capaz

de capturar e reproduzir imagens em 3D, em que utilizaram capas de CD e o Google Cardboard. Com a vitória, eles ganharam uma visita de três dias, no fim do ano, ao MIT Media Lab, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, em Boston.

Guilherme conta que conheceu Danielle no dia da competição, no momento da formação de equipes.

– Fizemos tudo lá. Formamos os grupos na hora. Um dos meninos da equipe tinha mais experiência na parte gráfica e em holograma. Nós tínhamos em app e em sistema web.

Danielle era uma das quatro meninas entre os 40 participantes. No futuro, a estudante de engenharia de produção planeja criar a própria *startup* e já trabalha no projeto, no Programa Brasileiro de Desenvolvimento em IOS (BEPiD), da PUC-Rio. Para a estudante, as mulheres sofrem preconceito na área, mas não percebeu isso na maratona.

– Sempre tem bem menos mulheres que homens. Normalmente, até tem mais mulheres do que teve lá no Hackathon, mas não senti nenhum preconceito, foi tranquilo.



Guilherme Berger e Danielle Cohen, vencedores do Hackathon Globo

Êxodo: Nações experimentam movimento migratório profundo, nunca visto antes desde o fim da Segunda Guerra Mundial

Vidas em busca de um sentido

Turquia, Líbano e Jordânia são os países que mais recebem refugiados

SALAH MALKAWI/UNHCR



Sírios esperam para receber o registro do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, no Líbano

ERIC KANALSTEIN/UN



Homens fazem oração em parque de Herat, no oeste do Afeganistão

CAIO SARTORI E PEDRO MALAN

Enquanto as grandes potências europeias discutem quantos mil refugiados vão receber em seus territórios, alguns vizinhos da Síria, principalmente a Turquia e o Líbano, recebem quase 4 milhões de pessoas que saíram do país assolado pela guerra civil. Nesses locais, que não detêm os recursos necessários para abrigar tantas pesso-

as, a vida dos imigrantes muitas vezes se limita à mera sobrevivência em campos construídos pela ONU.

O Líbano, que recebeu aproximadamente 1 milhão e 100 mil sírios, já apresenta um crescimento populacional de 29%, número que pode indicar um esgotamento do espaço existente, segundo o professor do Instituto de Relações Internacionais (IRI) Paulo Wrobel.

Este esgotamento pode ser uma causa do aumento recente do fluxo para a Europa, de acordo com o professor. Mas o maior problema, na opinião dele, diz respeito ao tempo que os refugiados vão ficar nesses campos.

– Não é uma situação dramática. As pessoas sobrevivem. Tem um campo palestino no Líbano que está lá há 30 anos. Mas, se você não resolve a questão, os campos vão ficando. Alguns (imigrantes) se integram ao país de alguma maneira, mas a maioria fica.

Para outro professor do IRI, Márcio Scalécio, quem vive a verdadeira crise de refugiados não é a Europa, e sim a Turquia, a Jordânia e o Líbano. Os campos, de um modo geral, são administrados e sustentados pela ONU e pelos próprios países, que precisam oferecer uma parte da sua estrutura para eles funcionarem. Na opinião de Scalécio, o problema é que a vida nos campos é sempre precária, e a dificuldade é agravada pelo enorme número de pessoas.

– Isso é um transtorno previsível. Se a Alemanha re-

cebesse 2 milhões de refugiados, também passaria por uma crise. É um problema de números. Por enquanto, estão administrando a crise “com a barriga”. A maior estrutura é a desses campos, que ficam muito pressionados por causa do número de gente.

A guerra civil na Síria começou há cerca de quatro anos e meio, no período posterior à Primavera Árabe. É difícil de-

para pedir democracia, lembra Scalécio. Entretanto, a reação do governo sírio foi de rejeição, o que gerou outro vácuo, assim como o iraquiano de anos atrás, e potencializou ideias extremistas.

– O ponto de partida da guerra civil na Síria é o Levante Árabe. Houve a mobilização de pessoas pedindo democracia, e a resposta do regime foi dura, de não abrir negociações e não querer nenhum tipo de conversa, e isso gerou a luta armada.

Scalécio explica, ainda, que o movimento jihadista internacional ganhou força a partir da invasão soviética no Afeganistão, em 1979, que começou a incentivar jovens muçulmanos a aceitarem ir para as regiões de conflito para pegar em armas, a fim de defender a própria fé.

– Isso se manifestou no conflito na Caxemira, entre Paquistão e Índia; na guerra dos americanos com o Iraque; no norte da África. Na Líbia, com a derrubada do coronel Muammar al-Gaddafi. E, agora, se manifesta na guerra civil síria.

A Rússia, que integrava a URSS, sempre teve a Síria como a principal parceira no Oriente Médio, o que explica o atual apoio de Vladimir Putin, presidente russo, ao governo de Bashar al-Assad. Potências europeias, como a Alemanha, dependem dos russos por causa da produção de gás daquele país, o que embola a situação diplomática.

Refugiado congolês que vive há mais de sete anos no Brasil, Charly Kongo trabalha na Cáritas-RJ, uma organização que defende os direitos humanos, a segurança alimentar e o desenvolvimento sustentável solidário. Ele alerta para o desconhecimento da palavra “refugiado” pela maioria que costuma dar a ela um sentido pejorativo, como se aqueles que saem de seus países de origem o fizessem por motivos supérfluos.

– O principal motivo do êxodo é a guerra e toda a violência que vem acompanhada dela. Estupros, famílias despeçadas, doenças e pobreza são motivos reais. A falta da democracia e da liberdade de expressão também pesam na decisão.

“Os campos ficam muito pressionados por causa do número de gente”

Márcio Scalécio

finir quem participa da guerra, uma vez que a oposição ao governo de Bashar al-Assad se fragmenta progressivamente. Os protagonistas, além do governo, são o comentado Estado Islâmico e outros grupos extremistas menores, todos sunitas. A Frente al-Nusra, apoiada pela Al-Qaeda, é uma delas.

Para entender a ascensão dos movimentos sunitas radicais, segundo Wrobel, é preciso voltar no tempo – mais especificamente para 2003, ano em que os Estados Unidos invadiram o Iraque. Com a morte de Saddam Hussein, em 2006, criou-se um vácuo político que propiciou o crescimento desse tipo de ideologia, dentro da qual o Estado Islâmico, fundado por Abu Musab al-Zarqawi, dissidente da Al-Qaeda, é o de maior destaque.

– A guerra fracionou um país que já era dividido. O Estado Islâmico é resultado de dois processos: a fanatização absoluta do extremismo muçulmano e o vácuo de poder na Síria e no Iraque – aponta o professor.

A Primavera Árabe, em 2010, levou o povo às ruas

ALINE RÍPOLI

Sustentabilidade: Empresário produz copos e bandejas descartáveis com fécula de mandioca

Com experiência e carreira consolidada no mundo dos negócios, o empresário Claudio Bastos vislumbrou o poder da mandioca, raiz genuinamente brasileira. Preocupado com o meio ambiente, o empreendedor fundou a CBPAK, empresa pioneira na redução de impactos ambientais, e levou cinco anos, entre pesquisa e desenvolvimento, para transformar a fécula de mandioca em embalagem.

Para medir, metrificar e monetizar o uso de embalagens compostáveis, Bastos fez um mestrado em Metrologia da PUC-Rio, e defendeu a dissertação em setembro. O estudo, segundo ele, possibilitou dar ao processo uma identidade acadêmica.

– Tudo está metrificado e monetizado, então, nós criamos, a partir desse mestrado, uma matéria muito bacana em termos de ações comerciais, que é o custo ambiental. Na matriz de custo, em uma análise comparativa entre um copo de mandioca e um copo plásti-

“
Nós queremos convidar o mercado a pensar em valor e não em preço
”

Claudio Bastos

co, eu convido o cliente a pensar no custo ambiental. Uma embalagem descartável, em 99,9% dos casos, você compra preço, você procura o mais barato. Nós estamos convidando o mercado a pensar em valor, e não mais em preço.

Para a fabricação dos produtos, que incluem copos, bandejas e, mais recentemente, pratos, Bastos enfrentou dois grandes desafios. O primeiro, segundo ele, era a formulação do produto. O outro, um processo industrial que permitisse a produção em alta escala.

– Todas as etapas entre a elaboração e a produção nos demandaram muitos anos. As embalagens são produzidas por meio de um processo de termo-expansão de massa or-

Toque brasileiro em embalagem

Produtos podem virar adubo orgânico depois de usados

FOTOS DIVULGAÇÃO



Durante o processo de fabricação de um copo compostável, o consumo de água é de apenas 8ml, contra 400ml na produção do copo de plástico



Empresa levou cinco anos para transformar fécula em embalagem

gânica de fécula de mandioca. Fizemos um investimento na ordem de 8 milhões de reais e temos uma capacidade de produção na ordem de 1,5 milhão a 2 milhões de unidades por mês. O grande atributo dessa nossa jornada é que conseguimos, com tecnologia, contemplar aos vários setores, pensamentos e correntes em matéria de meio ambiente – observou.

Os benefícios oferecidos pelas embalagens sustentáveis vão desde a origem, uma vez que a matéria-prima utilizada vem de fonte renovável, passando pela produção, em que há sequestro de carbono (redução da emissão de gás carbônico na atmosfera) e utilização mínima de água, até o descarte, que gera subproduto. O empre-

sário afirma que durante o processo de fabricação de um copo compostável da CBPAK, o consumo de água é de apenas 8 ml, contra 400 ml na produção do copo plástico.

– O que propomos como solução ambiental é que os copos de mandioca são 100% compostáveis, ou seja, depois de usados, os produtos viram adubo orgânico. Além disso, como o poder dos copos é muito alto, pode ser usado em um biodigestor para a formação de um biogás que é transformado em energia. E se não for para a compostagem, nem para biodigestor, seu destino é o aterro sanitário e, lá, a embalagem vai se biodegradar. Ou seja, em um prazo de 180 dias ele vai ocupar um menor espaço.

Cinema: Filmagens raras, nunca vistas antes por brasileiros, foram achadas ao redor do mundo e revelam a vida na capital

A história do Rio em imagens

Documentário mostra o olhar estrangeiro sobre a cidade no século XX

FOTOS REPRODUÇÃO 'O RIO POR ELES: O RIO DE JANEIRO QUE OS BRASILEIROS NUNCA VIRAM NA TELA'



A bela arquitetura do Theatro Municipal em um tempo em que bondinhos ainda circulavam pela Cinelândia



O longa-metragem revela registros de costumes e da moda em diferentes épocas da Cidade Maravilhosa

GIULIA SALETTO

Imagens preciosas e raras do Rio de Janeiro podem ser vistas em um documentário que homenageia os 450 anos da cidade, como em um álbum de fotografias, *O Rio Por Eles: O Rio de Janeiro que os brasileiros nunca viram na tela*, do jornalista Ernesto Rodrigues, professor do Departamento de

Comunicação, é uma memória de parte da vida da ex-capital federal do país. Exibido no Festival do Rio deste ano, o longa-metragem faz um passeio por diferentes épocas e mostra um dos cartões postais do Brasil que, antes de tudo, envolve uma aula de história, de política e de costumes.

O longa-metragem, de 90 minutos, reúne uma variedade de

arquivos que mostram o Rio do século XX pelo olhar de estrangeiros. Para montar este imenso painel, o jornalista fez um resgate emocional sobre os personagens e acontecimentos que fizeram parte da trajetória da Cidade Maravilhosa e que jamais foram vistos antes por brasileiros.

No total, foram usados 203 trechos de 127 filmes, cinejornais, reportagens e filmagens

brutas. Rodrigues procurou material em mais de 20 países, mas a maioria dos registros foi encontrada no banco de dados do Instituto Nacional de Audio-visual (INA), na França. Além de arquivos franceses, foram utilizadas gravações produzidas por japoneses, russos, alemães, colombianos e americanos - alguns até com som original. Para isso, foi necessário contratar tradutores naturalizados para compreender melhor o áudio de cada arquivo e dar sentido a eles.

A ideia para o projeto surgiu ainda na virada do milênio, quando o diretor percebeu a falta de filmagens nacionais que abordavam momentos importantes ou corriqueiros no país. Ele ainda constatou que grande parte dos registros nacionais de TV que existiam desapareceu ou foi destruído por incêndios ou por falta de conservação adequada. Surpreso, o documentarista teve a ideia de procurar arquivos fora do Brasil e fazer um retrato do Rio de Janeiro pelo olhar dos estrangeiros.

O projeto inicialmente era para ser uma série, exibida em episódios pela TV Globo, mas depois foi transformado em um

“
É uma viagem fantástica em um álbum de fotografias com imagens raras
”

Ernesto Rodrigues

longa-metragem com narração de Pedro Bial. E, ao ter apoio da emissora, Rodrigues foi atrás de filmagens espalhadas pelo mundo que tivessem retratado algum momento histórico na capital fluminense. Para este trabalho de garimpagem, ele foi auxiliado pelo historiador Paulo Rubens Sampaio.

– Foram dois anos de pesquisa. Usávamos palavras cha-

ves para buscar em bancos de dados qualquer arquivo ou filmagem que havia sido feita no Rio de Janeiro. E, aí, foi mais de um ano assistindo a todos os 900 registros. Eu ia organizando eles em uma planilha que definia qual tinha que ser comprado para ontem e quais não eram tão interessantes assim – explica.

Segundo o diretor do filme, a maior preocupação era encontrar imagens raras e valiosas que nunca haviam sido vistas por brasileiros e preservadas até hoje por estrangeiros.

– Eu tentei ser eclético, e não pegar os clichês de sempre. Claro que tem o futebol e o Carnaval, mas tentei ao máximo mostrar imagens raras e novas, privilegiando sempre os arquivos originalmente estrangeiros e surpreendentes.

O professor sempre foi apaixonado por história e, quando constatou que esse trabalho de recuperação de imagens não havia sido feito por ninguém, resolveu mergulhar de cabeça nas pesquisas. Rodrigues elege a história política da cidade como a parte mais interessante. Cenas do dia do Golpe Militar e da passeata improvisada em Ipanema com o ex-presidente Juscelino Kubitschek são as favoritas do diretor.

– Eu sempre amei política e cobri muito disso quando era jornalista. Lembro de ficar indignado porque nos arquivos nacionais só haviam duas ou três filmagens sobre o dia do Golpe da Ditadura. Quando vi aquelas imagens novas foi sensacional.

De acordo com Rodrigues, o trabalho árduo e intenso de pesquisas valeu a pena e virou uma viagem agradável pelo tempo, em que o texto se tornou secundário, e o Rio de Janeiro o personagem principal do longa-metragem.

– Não é uma história contada com início meio e fim. É uma viagem fantástica em um álbum de fotografias com imagens raras e nunca vistas. Nem nos meus sonhos imaginei que tanta gente se interessaria por um documentário de arquivos em preto e branco.

Design: Plataforma de financiamento impulsiona mercado brasileiro de HQs e garante prêmios para escritores

Histórias independentes, sucesso coletivo

Autores de quadrinhos nacionais ganham força e projeção com crowdfunding



'9 Horas', de Rodrigo Solsona, ficção de viagem dele à Ásia

'Dora', um suspense narrado por Bianca Pinheiro

ARION LUCAS

Durante o bom momento que o mercado de quadrinhos vive no Brasil, plataformas de financiamento coletivo têm consolidado a produção nacional. E, mais do que se limitar à popularidade, os trabalhos têm obtido reconhecimento da crítica. Só em 2015, *A Vida Com Logan*, *Dora* e *Quad 2*, todos originados com essa ferramenta, foram vitoriosos no HQMIX, maior prêmio destinado a quadrinhos brasileiros.

Quadrinistas sempre arrumaram um jeito de criar as obras, ao bancar produções próprias e vendê-las em comércios locais. Flavio Soares, autor de *A Vida Com Logan*, avalia que, atualmente, potencializa-se um mercado alternativo para quem há muito queria expor um trabalho

— Nunca se publicou tanto quadrinho nacional. E material de qualidade, para todos os gostos. Tudo é feito em gráficas, com bom papel e acabamento profissional.

Rodrigo Solsona, que acabou de concluir o primeiro *crowdfunding* no site do Catar-

se, HQ *9 Horas*, crê no trabalho independente como uma via de interação direta com o público. Para ele, publicar por uma editora ainda é difícil, pois elas apostam no retorno financeiro certo, muitas vezes com exigências quanto ao conteúdo da obra.

— Almejo muito mais publicar meus próprios quadrinhos do que desenhar esse ou aquele personagem. É muito mais desafiante.

Apesar disso, Soares aponta que ainda é difícil para um autor bancar toda a produção sozinho. Segundo ele, que usou o Catarse como um meio para uma editora publicá-lo, esse tipo de parceria é uma saída, uma vez que, sem que precise cuidar da comercialização e venda, o autor pode investir o tempo em eventos para conhecer o público, fazer contatos e negociar outros produtos.

— Se você chega até a editora com o material já financiado, tudo fica mais fácil, porque o risco comercial deles é nenhum. Com isso, o autor pode se dar ao luxo de querer que as coisas sejam feitas de modo específico.

Antes do *crowdfunding*, Soares já fazia tirinhas para seu blog, e boa parte dos que o apoiaram já conheciam o trabalho do artista. Bianca Pi-

nheiro, autora de *Dora*, também optou pelo financiamento coletivo e, graças ao público do blog, pouco divulgou o projeto em outras mídias. Por isso, ela não vê no *crowdfunding* um gerador de novos leitores.

— O que o financiamento pode fazer é ajudar aquelas pessoas que só liam um tipo de quadrinhos a conhecer outros, mas não acho que sirva para aumentar o número de leitores.

No caso do Catarse, o autor é responsável por disponibilizar na página do projeto vídeos, prévias e outros artifícios que o ajudem a chamar a atenção do leitor. Para Solsona, mesmo com um processo trabalhoso, o resultado realmente aumenta a projeção do artista.

— Por ser um modo diferente, atingimos um público que não iria procurar projetos assim em outro lugar. O fato de o compartilhamento ser geral faz com que a ideia chegue a pessoas que nem imaginamos.

Além da HQ em si, são criadas recompensas para os apoiadores, que investem de acordo com o que desejam adquirir. Todavia, Bianca ressalta que é preciso tomar cuidado ao pensar em como estabelecê-las, pois o valor final pode dificultar a viabilidade do projeto.

— Você tem que acrescentar o valor das recompensas, acrescentar o valor de envio dessas recompensas. E, assim, o seu projeto, que poderia ser só de R\$ 8.800 reais, vai para

mais de R\$ 10 mil.

Em 2014, o Catarse foi agraciado no HQMIX com o troféu de Maior Contribuição ao Quadrinho Nacional. Hoje, as HQs correspondem à sexta categoria com o maior número de projetos no site, a terceira que mais arrecada e a que detém a maior taxa de sucesso entre as principais, com quase 70% de aproveitamento. Segundo o coordenador de comunicação do site, Felipe Caruso, a ferramenta vem para fortalecer um mercado que já existia.

— O Catarse permitiu que se criasse uma comunidade que, às vezes, estava fechada

em algum nicho, e isso facilitou o encontro.

Formado em Comunicação Social da PUC-Rio, Caruso explica que a categoria se tornou mais avançada dentre todas por contar com um grupo bastante engajado. Ele considera tal comunidade um grande estímulo para a equipe do site, pois nela há experiências que outras categorias vão ter no futuro, como efetivas correntes de campanha e relacionamentos em longo prazo com apoiadores.

— Desde o planejamento do projeto até a entrega de recompensa, temos muito que aprender com o pessoal de quadrinhos, e replicar esse aprendizado nas outras categorias.

